

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Silene Soares Lemos

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA EM PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA

Belo Horizonte

2015

Silene Soares Lemos

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA EM PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof. Carlos Augusto Novais

Belo Horizonte

2015

Silene Soares Lemos

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA EM PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Processos de Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof. Carlos Augusto Novais

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Carlos Augusto Novais – Faculdade de Educação da UFMG

Fernanda Rohlfs

RESUMO

O presente trabalho foi realizado através de um Plano de Ação desenvolvido na Escola Municipal João do Patrocínio pertencente a Rede Pública Municipal de Belo Horizonte, com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental. O Plano surgiu através do relato das crianças sobre a não realização da leitura dos livros emprestados pela biblioteca da escola, semanalmente. Levando-se em consideração que tais crianças, em sua grande maioria, ingressaram pela primeira vez em uma instituição de ensino, e portanto, não se encontravam alfabetizadas, a realização da leitura por um mediador seria fundamental. Sendo assim, buscou-se verificar a efetiva participação da família no momento de leitura, além de apresentar argumentos sobre a importância e influência familiar no processo de aquisição da linguagem e gosto pela leitura. Demonstrou ainda o perfil das famílias envolvidas na pesquisa. Diante dos resultados alcançados, constatou-se que grande parte das famílias tem pouca participação na vida escolar das crianças. Tal constatação reforça a necessidade de se construir pontes entre a leitura escolar e as práticas familiares de leitura, bem como desenvolver atividades de mediação de leitura compatíveis com essa realidade.

Palavras-chave: família, biblioteca, leitura literária.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais. A minha mãe, que com sua infinita dedicação, sempre nos mostrou a importância da educação. E ao meu pai, que com seu gesto simples nos proporcionou horas de afeto através de suas histórias contadas antes de dormir.

A minha irmã, minha grande amiga, pelos ensinamentos e horas de desabafo. Ao meu irmão, pelo companheirismo de sempre. Aos meus sobrinhos, pelos momentos de descontração.

Ao meu amado esposo, pelo incentivo de crescimento, e por carinhosamente, encurtar meu caminho.

Aos professores da UFMG, que compartilharam seus conhecimentos, em especial ao meu orientador.

Aos colegas de sala, profissionais da educação, pela troca de experiências e apoio.

A professora e alunos da escola em que trabalho, por oportunizaram o desenvolvimento deste projeto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
Caracterização da Escola	10
Caracterização da Turma	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1 Biblioteca e Formação de Leitores	13
1.2 Literatura Infantil e Leitura Literária	19
2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E ANÁLISE DE DADOS	26
3. CONSIDERAÇÃO FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXOS	36

INTRODUÇÃO

A realidade brasileira no que concerne a leitura não é nada agradável, diversos são os fatores que contribuem para dificultar o desenvolvimento pleno das crianças. A presença de bibliotecas bem equipadas e com pessoal capacitado para um bom atendimento é algo raro de se presenciar nas escolas pelo Brasil afora. Felizmente, nas escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte avançou-se nesse aspecto, uma vez que todas as unidades são providas de bibliotecas escolares constituídas por um acervo diversificado e atualizado, porém, não é suficiente estar com uma materialidade invejável, mais importante é fazer com que tantos livros e histórias cheguem aos leitores e tenham significação em suas vidas. Diante de tal fato, são programadas atividades nas bibliotecas como contação de histórias, teatros de fantoches, sarau de poesias dentre várias outras, que buscam envolver os alunos para que possam vir a se tornar leitores autônomos e críticos. Embora o trabalho desenvolvido nas escolas, tanto nas bibliotecas quanto em sala de aula produzam um efeito positivo nos alunos, a participação das famílias também é parte fundamental para que o resultado se torne mais completo e significativo, afinal, as crianças se espelham muito em seus familiares. Maia afirma:

Embora haja uma ênfase na escola quanto ao papel de formadora de leitores, outra instituição também é cobrada a dar sua contribuição: a família. As pesquisas mostram que um leitor se forma até os doze anos de idade (dados da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura), sendo, pois, fundamental que a criança trave contato com o livro desde os primeiros anos de vida. Nesse particular, o papel dos pais que leem para os filhos e que se interessam sempre por suas leituras ganha relevância, pois se por um lado, a responsabilidade da família em fomentar a formação do pequeno leitor durante o período pré-escolar é maior, por outro, o ingresso da criança na escola não a desobriga dessa responsabilidade (MAIA, 2007, p. 51).

Uma outra realidade nas escolas públicas é sem dúvida a falta de recurso por parte do público atendido, e com relação a aquisição de livros sabemos que nunca foi prioridade nas famílias de baixa renda, já que as necessidades básicas são mais urgentes diante do dinheiro escasso. Sendo assim, a Prefeitura de Belo Horizonte criou em 2003 a política pública de distribuição de livros literários para todos os estudantes das escolas municipais de Belo Horizonte, com o objetivo de investir na leitura em família, garantindo assim o acesso ao livro literário em outro espaço, além do da escola. Porém, muitas crianças ainda não alfabetizadas passaram a receber tais livros sem que os mesmos fossem lidos, afinal, dependiam da colaboração de um leitor. Paralelamente, as bibliotecas disponibilizaram um grande número de obras voltadas para o público infantil, podendo ser manuseadas tanto na escola quanto em

seus lares. Ainda assim, observou-se que os livros enviados para serem lidos em casa juntamente com a família retornavam sem que houvesse participação na atividade de leitura.

Diante de tal constatação, foi elaborado um plano de ação que pretendeu verificar qual a efetiva participação da família em práticas de leitura literária junto a crianças de 6 anos de idade, buscando identificar desta forma a importância e valorização da leitura no ambiente familiar, levando-se em consideração que as mesmas se encontram em processo de alfabetização, ou seja, ainda não são capazes de decodificar a língua.

O plano foi desenvolvido através de empréstimos de livros feitos semanalmente na biblioteca da escola. Primeiramente, foi informado aos alunos sobre o mesmo, para que posteriormente ele pudesse se iniciar efetivamente. Logo após, os alunos levaram toda semana um livro escolhido por eles para que fosse lido por algum familiar, o livro ia dentro de uma pasta (ANEXO C) que além dele continha um pequeno questionário (ANEXO B) a ser respondido pelo parente que fazia a leitura da história, ou não. A partir dos dados coletados pelos questionários ao longo do plano foi feita uma análise buscando verificar a participação da família.

A formação de hábitos de leitura são temas recorrentes e considerados de extrema importância no universo escolar, mas, e nas famílias, será que possuem tal importância? Tempos atrás, um fator dificultador para a prática de leitura no ambiente familiar, era o acesso a livros, hoje, com a distribuição pela Prefeitura de Belo Horizonte de livros literários, e principalmente pela disponibilidade de livros nas bibliotecas escolares, esse não pode mais ser considerado um problema, pelo contrário, a materialidade encontra-se muito bem suprida, com diversidade e qualidade bastante elevadas. Porém, o que se observa nos dias atuais é a falta de participação e incentivo familiares nos momentos de leitura. Segundo Souza:

[...] os mediadores de leitura apresentam como atores principais de intermédio entre a criança e o texto. São os mediadores que vão traçar o caminho que esta criança irá percorrer. Por isso, é de suma importância que pais, professores, bibliotecários e agente culturais tenham consciência de seu papel formador [...] (SOUZA, 2011, p. 76)

Diante das constantes reclamações dos alunos que os responsáveis não haviam feito a leitura do livro levado para casa com esse objetivo, é que se pretendeu com esse plano de ação verificar tal participação, além de buscar conscientizar os familiares sobre a importância do momento de leitura, fazendo com que a criança se sinta acolhida, e que valorize ainda mais o processo de aquisição da leitura, além de formar hábito de leitura, não só no ambiente escolar,

mas também no familiar, buscando dessa forma, aproximar os alunos do mundo letrado, ampliar seus conhecimentos e desenvolver o prazer pela leitura.

Levando-se em consideração que essas crianças ainda não adquiriram os instrumentos necessários a decodificação, pois ainda estão iniciando o processo de alfabetização, torna-se fundamental a participação tanto da escola quanto da família para que o gosto pela leitura através da literatura infantil se consolide.

Caracterização da Escola

A Escola Municipal João do Patrocínio, localizada a Rua Seringueira, 128 - bairro Nova Gameleira, em Belo Horizonte, foi inaugurada em dezembro de 1970. Atualmente, atende crianças da Educação Infantil, primeiro e segundo Ciclos do Ensino Fundamental. Seu funcionamento ocorre em dois turnos, manhã e tarde, tendo cerca de 400 alunos matriculados no total. O público atendido são os moradores do entorno da escola, sendo os principais bairros: Cabana, Nova Cintra e Nova Gameleira. A comunidade é bastante carente e os alunos são provenientes de famílias de baixa renda, sendo muitas beneficiadas pelas bolsas oferecidas pelo governo. A instituição de ensino funciona também com atendimento integral voltado para cerca de 200 alunos, sendo oferecido aos mesmos, lanche, almoço e jantar. O projeto conhecido como Escola Integrada promove atividades educativas, esportivas e de lazer. Acontece ainda aos finais de semana a Escola Aberta, com atividades recreativas e formadoras voltadas para a comunidade em geral, não sendo portanto, restrito aos alunos.



Figura 1 – Entrada principal

A instituição de ensino encontra-se equipada com 10 salas de aula, sala dos professores, sala da coordenação, direção, secretaria, sala de informática, quadra, e recentemente, através de uma reforma ganhou um refeitório; além disso, possui biblioteca, que apesar de ser um espaço pequeno é constituído por um acervo de qualidade e diversificado. Na biblioteca atuam dois profissionais no primeiro turno, sendo um deles professor em readaptação funcional, e um profissional no segundo turno, todos possuem formação em nível superior, tais servidores são coordenados e acompanhados por uma profissional da área de biblioteconomia que visita a escola semanalmente. No segundo turno,

são atendidas crianças do primeiro e segundo ciclos além de crianças de 4 e 5 anos pertencentes a Educação Infantil. Buscando desenvolver o hábito de leitura são programadas atividades com as turmas, tais como contação de história, teatro de fantoches, exposições, dentre outras.



Figura 2 – Expositor literatura infantil

Caracterização da turma

A turma de primeiro ano do primeiro Ciclo é caracterizada por alunos que estão ingressando pela primeira vez em uma instituição de ensino, e que, portanto, não se encontram alfabetizados. Essa turma não passou pela Educação Infantil e, portanto, começou a conhecer e vivenciar o processo de escolarização aos 6 anos de idade. Ela é constituída por 23 alunos, dentre meninos e meninas, que adoram ouvir histórias, sendo que o fazem diariamente com a professora, que é leitora assídua e valoriza a leitura. Segundo Miguez (2009, p. 14) “todo professor tem que ser um leitor entusiasmado para poder transmitir aos alunos a paixão de ler”, existe também na sala de aula, livros disponíveis para que possam ser manuseados em momentos oportunos.

Essa turma possui cerca de 8 alunos no Projeto Escola Integrada, e outra característica importante observada é que no horário entre turnos, em que a biblioteca fica disponível para quem quiser frequentá-la, a maioria desses alunos comparecem a biblioteca diariamente, demonstrando assim o interesse pelos livros e pela leitura. Além das atividades desenvolvidas na biblioteca, semanalmente, os alunos fazem empréstimos, a escolha é feita de forma livre, sendo delimitado apenas o espaço dos livros de literatura infantil, dessa forma, levando para

seus lares o livro para que ele possa ser lido e apreciado junto à família. Diante de vários relatos, observa-se porém, que muitos alunos retornam com os livros sem que os responsáveis tenham feito a leitura, o que seria de extrema importância, principalmente ao considerar que tais crianças ainda não estão alfabetizados.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo irá apresentar a fundamentação teórica referente aos temas abordados no trabalho. Apresentando-se em dois subtítulos: Biblioteca e Formação de Leitores e, Literatura Infantil e Leitura Literária. Para tanto, foram apresentados autores que dissertam sobre o assunto.

1.1 Biblioteca e Formação de Leitores

A origem das bibliotecas está diretamente relacionada a invenção da escrita, e sua expansão ocorreu sobretudo, com o aparecimento de suportes de baixo custo, duráveis e portáteis para os registros escritos, suportes estes que deram enorme impulso à leitura e à educação em geral.

A contribuição dos egípcios para a disseminação da cultura letrada foi de extrema importância, havendo evidências que submetiam o caule de uma planta chamada papiro a um processo de corte, secagem, junção de camadas e umedecimento que resultava em uma substância compacta, que após estar seca e polida formava um conjunto de folhas, nelas se podia escrever e desenhar. Sendo assim, faziam o registro no papiro usando uma espécie de junco cortado e impregnado de uma tinta escura, feita à base de carvão vegetal e cola.

O papiro egípcio, ao contrário das pedras e plaquetas de argila, proporcionou a facilidade do registro, afinal, possuía a grande vantagem da mobilidade, por se apresentar sob a forma de rolos, além de ser bem mais leve. No século VI a.C., na Grécia, a utilização do papiro já era frequente e, nos séculos seguintes, já havia um considerável número de livros à disposição, indicando o hábito de leitura da elite grega.

A cultura antiga também foi fortemente marcada pela biblioteca de Alexandria, no Egito, fundada por Ptolomeu II, que reinou como centro da cultura mundial no período do século III a.C. ao século IV d.C, quando teria sido destruída por um incêndio. Esta maravilhosa compilação do saber humano, continha praticamente todo o conhecimento da Antiguidade em milhares de rolos de papiro e pergaminho e era frequentada pelos mais importantes sábios, poetas e matemáticos.

Os romanos também deram sua contribuição à história do livro. Possuidores de senso comercial, criaram cópias de livros, feitas geralmente por escravos; além de fazerem a distribuição de textos, através de livreiros, que eram levados as maiores cidades do Império. Assim como ocorre atualmente, principalmente em feiras de livros e bienais, os autores

costumavam realizar leitura pública de suas obras a fim de atrair a clientela. Dezenas de bibliotecas públicas foram criadas por Imperadores, infelizmente queimadas pelos bárbaros que invadiram e aniquilaram o Império.

Outra grande invenção para o mundo das letras foi a prensa de Gutenberg. Em 1455, o ourives alemão Johann Gutenberg inventou a tipografia, cabendo-lhe o mérito de ser o primeiro a utilizar tipos móveis metálicos feitos de uma liga especial de chumbo, estanho e antimônio. Baseado nas prensas utilizadas para espremer uvas, ele projetou um novo tipo cuja finalidade era registrar o conhecimento humano através das palavras. Esse sistema operacional de impressão funcionou tão bem que perdurou praticamente inalterado até 1811, quando outro alemão, Friedrich Koenig, substituiu a mesa de pressão por um cilindro com acionamento a vapor capaz de imprimir a fantástica tiragem de 1.100 cópias por hora.

No Brasil, pouco se sabe sobre a existência de livros e bibliotecas na primeira metade do século XVI, e caso tenha havido, é provável que sua utilização se limitasse aos padres e magistrados. Aqui, as bibliotecas iniciam-se nos mosteiros, conventos e colégios religiosos, havendo também algumas particulares, afinal os livros eram escassos, uma vez que havia a proibição de Portugal sobre a instalação de uma tipografia no país e também devido as censuras da Inquisição Católica. Somente em 1811, com a vinda da família real para o Brasil é que surge a Real Biblioteca, atualmente conhecida como Biblioteca Nacional, formada por um acervo diversificado trazido de Portugal, além disso, somente em 1814 é que foi aberta ao público. Paralelamente, no mesmo ano na Bahia surgia a Biblioteca Pública da Bahia, a primeira biblioteca verdadeiramente aberta ao público no Brasil.

De uma maneira geral, até hoje a presença de bibliotecas pelo país ainda é escassa, em muitas escolas não existem o espaço destinado a biblioteca, e muitas vezes quando o tem são subutilizados com outras funções senão o da leitura. Na prefeitura de Belo Horizonte foi criado o Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Educação em 1997, coincidindo com a implantação da Escola Plural, proposta político-pedagógica da Secretaria Municipal de Educação vigente à época. Ao longo dos anos, o Programa, e principalmente a equipe de trabalho das bibliotecas, construiu uma grande mudança no perfil das bibliotecas nas escolas, fazendo com que esse espaço tenha se tornado de participação efetiva na vida escolar dos alunos. Hoje, as bibliotecas escolares são concebidas como um espaço de leitura, cultura, produção de conhecimento, ação pedagógica, lazer, dentre outros, claro que ainda há muito a melhorar, mas é visível o grande avanço existente. A importância da presença de uma biblioteca escolar é indiscutível, principalmente quando se pensa em diminuição da desigualdade social, afinal:

O princípio de igualdade de oportunidades, ou seja, uma base igualitária de cidadania, adaptada à sociedade da informação, deve amparar qualquer discussão sobre biblioteca escolar. O conhecimento tornou-se, hoje mais do que no passado, um dos principais fatores de superação de desigualdades. Logo, a universalização da biblioteca escolar ajudará a garantir a todos o acesso equitativo à informação e aos benefícios que pode advir da inserção do país na sociedade da informação. Por outro lado, cabe elucidar a responsabilidade dos processos de ensino-aprendizagem na construção do conhecimento, que ocorre com a compreensão e internalização de informações (MACEDO, 2005, p. 185).

Um das propostas que influenciou positivamente a dinamização das bibliotecas escolares foi a constituição de seus acervos, antes formados basicamente por doações de livros (muitos em estado precário de conservação). Hoje, através de um Decreto do Município de Belo Horizonte, as bibliotecas escolares possuem a destinação de um percentual de verba municipal, que possibilita a seleção e compra de materiais escolhidos pela comunidade escolar, dessa forma, as bibliotecas encontram-se bem equipadas, com livros diversos, novos e de interesse do público atendido. Outra importante contribuição para a atualização do acervo é o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) do Ministério da Educação que fornece periodicamente livros de excelente qualidade que enriquecem ainda mais o acervo. Segundo Campello:

Na sociedade contemporânea, dominada pela tecnologia, o imperativo de acesso e uso eficaz da informação, transforma a biblioteca da escola num espaço privilegiado, onde o conhecimento, em seus portadores tradicionais (impressos), é oferecido ao lado das novas opções tecnológicas. Na concepção atual, a biblioteca é um espaço educativo que deve propiciar às pessoas oportunidade de se prepararem para conviver na sociedade da informação, oferecendo possibilidades de educação continuada e autônoma (CAMPELLO, 2000, p. 60).

Sendo assim, pode-se afirmar que a história da biblioteca se relaciona com a história do conhecimento humano. Foi através dela, ou melhor, delas, que o conhecimento foi preservado e disseminado ao longo dos anos, devendo ser entendida como uma instituição social das mais complexas e importantes do sistema de comunicação humana, além de responsável pela preservação e transmissão da cultura. Quanto ao profissional bibliotecário, também merece destaque, pois, apesar das diversas formas de atuação, objetivou sempre a mediação do conhecimento ao seu principal alvo: o usuário. E é justamente pensando no público atendido, que os trabalhos devem ser elaborados de forma a contemplar as especificidades de cada faixa etária do leitor.

Importante ressaltar que a formação social, cultural e literária da criança se inicia antes dela entrar em uma instituição de ensino. A família e a comunidade instigam a criança a desenvolver habilidades de leitura sustentadas no texto oral, e que no imaginário da criança

ajudam a construir um mundo simbólico capaz de explicar os diversos acontecimentos do mundo real.

A leitura é um processo que começa a ser desenvolvido logo nos primeiros dias de vida do bebê. A criança aprende desde cedo a ler os significados do mundo no momento em que aprende a utilizar os seus sentidos para entender e se comunicar com as pessoas ao seu redor. Compreender o que se passa a sua volta e fazer leitura dos símbolos e significados do mundo, não é uma tarefa fácil, e nesse sentido, a família e a comunidade são fundamentais para ensinar e direcionar a criança no caminho do conhecimento. A relevância no desenvolvimento intelectual, emocional, político e cultural da criança está associada ao despertar no leitor o gosto e prazer pela leitura. Macedo (2005) afirma que "o mais importante é considerar que em atividades e em uso da biblioteca escolar os seus usuários devem sentir prazer".

Na escola, o trabalho com a leitura nas séries iniciais é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional da criança influenciando o interesse e o hábito de ler do aluno. Bamberger afirma que:

O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das bibliotecas públicas (BAMBERGER, 1995, p. 92).

Além da escola, o meio social e a família são responsáveis por influenciar diretamente a criança no seu hábito e frequência de leitura. Segundo Yunes:

O despertar do interesse pelos livros passa obrigatoriamente pelos primeiros anos e pela escolarização. As crianças que não puderem beneficiar-se desse estímulo estarão certamente prejudicadas em relação às demais que, pelo meio familiar e escolar, descobriram a leitura. Assim os adultos têm um papel decisivo na iniciação que poderá transformar-se em prazer ou desprazer quase que definitivos (YUNES, 1989, p. 56).

Sabe-se que a criança passa por diversos estágios psicológicos durante o seu desenvolvimento, e para que haja sucesso nas atividades desenvolvidas com o leitor tais momentos devem ser respeitados e considerados na escolha dos livros. Segundo Coelho (2010), esses estágios não dependem somente de sua idade cronológica, e sim da inter-relação entre ela e seu nível de amadurecimento biopsíquico, afetivo e intelectual além de seu grau de conhecimento e domínio do mecanismo da leitura. Neste sentido, é necessária a adequação dos livros às diversas etapas pelas quais a criança normalmente passa. Sendo distribuídas em

cinco categorias que norteiam as fases do desenvolvimento psicológico da criança: o pré-leitor, o leitor iniciante, o leitor-em-processo, o leitor fluente e o leitor crítico.

O pré-leitor: categoria que abrange duas fases. A Primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos) é quando a criança começa a reconhecer o mundo ao seu redor através do contato afetivo e do tato, sentindo necessidade de pegar ou tocar tudo o que estiver ao seu alcance. É ainda nesta fase que ocorre a aquisição da própria linguagem, na qual a criança passa a nomear tudo a sua volta. O adulto tem um papel fundamental nessa fase, competindo a ele nomear os objetos ou desenhos além de criar situações que os relacionem afetivamente com a criança. Segunda infância (a partir dos 2/3 anos) é quando ocorre a percepção do próprio ser, iniciando a fase egocêntrica e dos interesses ludopráticos, busca a adaptação ao meio físico e aumenta sua capacidade e interesse pela comunicação verbal. O papel do adulto é o de promover a descoberta do mundo concreto e do da linguagem através de atividades lúdicas. A utilização de livros deve ser baseada naqueles que apresentem vivências do cotidiano familiar à criança. Livros com predomínio de imagens são os mais adequados, a presença de humor e um clima de expectativa ou mistério também são bem aceitos nesse grupo, além da técnica de repetição que favorece a atenção. Os livros auxiliam a percepção da criança sobre a inter-relação entre o mundo real e o mundo da palavra.

O leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos) já reconhece o alfabeto, as sílabas simples e complexas. A presença do adulto é imprescindível: "Nessa fase, a presença do adulto, como 'agente estimulador', faz-se ainda necessária, não só para levar a criança a se encontrar com o mundo contido no livro, como também para estimulá-la a decodificar os sinais gráficos que lhe abrirão as portas do mundo da escrita (COELHO, 2010, p. 35)." Os livros adequados nesta fase devem ter uma linguagem simples com começo, meio e fim. As imagens devem predominar sobre o texto. As personagens podem ser humanas, bichos, robôs, objetos, especificando sempre os traços de comportamento, como bom e mau, forte e fraco, feio e bonito. Histórias engraçadas, ou que o bem vença o mal atraem muito o leitor nesta fase. Indiferentemente de se utilizarem textos como contos de fadas ou do mundo cotidiano, "os argumentos devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o querer, o sentir..." (COELHO, 2010, p. 35).

O leitor-em-processo (a partir dos 8/9 anos) já domina o mecanismo da leitura. Seu pensamento está mais desenvolvido, permitindo-lhe realizar operações mentais. Interessa-se pelo conhecimento de toda a natureza e pelos desafios que lhes são propostos. O papel do adulto ainda é importante nesta fase para motivar a leitura, esclarecer possíveis dificuldades e apresentar atividades pós-leitura. Os textos dirigidos ao leitor desta fase podem conter

situações de humor, inesperadas ou satíricas. O realismo e o imaginário também agradam a este leitor. Os livros adequados a esta fase devem apresentar imagens e textos, estes, escritos em frases simples, de comunicação direta e objetiva, contendo início, meio e fim. O tema deve girar em torno de um conflito que deixará o texto mais emocionante e culminar com a solução do problema.

O leitor fluente (a partir dos 10/11 anos) está em fase de consolidação dos mecanismos da leitura. Sua capacidade de concentração cresce e ele é capaz de compreender o mundo expresso no livro. É a partir dessa fase que a criança desenvolve o “pensamento hipotético dedutivo” e a capacidade de abstração. Este estágio, chamado de pré-adolescência, promove mudanças significativas no indivíduo. Há um sentimento de poder interior, de se ver como um ser inteligente, reflexivo, capaz de resolver todos os seus problemas sozinhos. Aqui há uma espécie de retomada do egocentrismo infantil, pois assim como acontece com as crianças nesta fase, o pré-adolescente pode apresentar um certo desequilíbrio com o meio em que vive. A partir dessa fase a presença do adulto já não se faz necessária e em muitos casos o pré-adolescente rejeita os textos propostos pelo adulto. Há uma variedade de matéria literária atraente nesta fase na qual são apreciadas as histórias que apresentam valores políticos e éticos e os heróis ou heroínas que lutam por um ideal. São apreciados, também, os textos que apresentam jovens em busca de espaço no meio em que vivem, seja no grupo, equipe, entre outros. É adequado oferecer a esse tipo de leitor histórias com linguagem mais elaborada. As imagens já não são indispensáveis, porém ainda são um elemento forte de atração. Os gêneros narrativos que mais agradam são os contos, as crônicas e as novelas. Permanece o interesse por mitos e lendas, policiais, romances e aventuras.

O leitor crítico (a partir dos 12/13 anos) apresenta total domínio da leitura e da linguagem escrita e sua capacidade de reflexão aumenta, permitindo-lhe a intertextualização. Desenvolve gradativamente o pensamento reflexivo e a consciência crítica em relação ao mundo. Sentimentos como saber, fazer e poder são elementos que permeiam o adolescente. "O convívio do leitor crítico com o texto literário deve extrapolar a mera fruição de prazer ou emoção e deve provocá-lo para penetrar no mecanismo da leitura" (COELHO, 2010, p. 40).

Deve-se ter o cuidado para não generalizar as informações, que podem diferenciar-se de indivíduo para indivíduo segundo fatores internos, subjetivos e externos. Essas informações, portanto, devem ter a função de orientar, não de enquadrar as crianças e jovens num receituário padronizado de desenvolvimento.

1.2 Literatura Infantil e Leitura Literária

Quando se fala em leitura, provavelmente a primeira imagem que nos vem a mente é a de um livro, afinal eles estão diretamente ligados a essa habilidade, e quando associamos leitura e infância certamente muitas serão as imagens de personagens, lugares e pessoas que de alguma forma nos influenciaram a ler ou mesmo possibilitaram nosso acesso ao mundo da leitura. A literatura infantil é assim, capaz de nos causar as mais diversas sensações, abrindo caminho para o desconhecido, o mágico, o maravilhoso.

A história dos livros voltados ao público infantil, nos mostra que eles aparecem na cultura Ocidental em fins do século XVII através de Charles Perrault, que escrevia suas obras, enfocando principalmente os contos de fadas. De lá pra cá, a literatura infantil foi ocupando seu espaço e apresentando sua relevância. Com isto, diversos autores se destacaram no cenário mundial, tais como Hans Christian Andersen e os irmãos Grimm, tendo suas obras imortalizadas. Diante de um cenário de avanço do Capitalismo surge uma maior necessidade de alfabetização, já que as exigências no trabalho passam a requerer do sujeito o domínio da leitura e da escrita. Com o passar do tempo, a sociedade cresceu e modernizou-se por meio da industrialização, expandindo assim, a produção de livros.

Os laços entre a escola e literatura começam a se estreitar, pois para adquirir livros era preciso que as crianças dominassem a língua escrita e cabia à escola desenvolver esta capacidade. Sendo assim, surge outro enfoque para a literatura infantil, que se tratava na verdade de uma literatura produzida para adultos e aproveitada para a criança. Seu aspecto didático-pedagógico de grande importância baseava-se numa linha moralista, paternalista, centrada numa representação de poder. Era, portanto, uma literatura para estimular a obediência, segundo a igreja, o governo ou ao senhor. Uma literatura intencional, cujas histórias acabavam sempre premiando o bom e castigando o que é considerado mau. Seguia à risca os preceitos religiosos e considerava a criança um ser a se moldar de acordo com o desejo dos que a educam, podendo-lhe aptidões e expectativas.

A literatura infantil desde a sua origem é atrelada a educação. Porém:

O fato torna-se problemático quando a leitura da obra literária se faz apenas sob o viés da pedagogia, isto é, torna-se pretexto para o ensino de uma disciplina curricular, privilegiando a função de instrumento pra um fim alheio às propriedades singulares da criação artística. O uso do texto literário adquire, então, um caráter exemplar e tem sua especificidade anulada enquanto arte (SOUZA, 2011, p. 08).

Até as duas primeiras décadas do século XX, as obras didáticas produzidas para a infância, apresentavam um caráter ético-didático, ou seja, o livro tinha a finalidade única de educar, apresentar modelos, moldar a criança de acordo com as expectativas dos adultos. A obra dificilmente tinha o objetivo de tornar a leitura fonte de prazer. Havia poucas histórias que falavam da vida de forma lúdica, ou que faziam pequenas viagens em torno do cotidiano, ou a afirmação da amizade centrada no companheirismo, no amigo da escola ou da vida.

A valorização da literatura infantil é conquista recente. No século XX, a psicologia experimental redescobriu o caminho para a literatura infantil, revelando a inteligência como elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si. A literatura passa a considerar os diferentes estágios de desenvolvimento (infância e adolescência) e a formação da personalidade do futuro adulto. Neste contexto, o livro infantil assume um novo papel e se apresenta como:

[...] uma ‘mensagem’ (comunicação) entre um autor-adulto (o que possui a experiência do real) e um leitor-criança (o que deve adquirir tal experiência). Nesta situação, o ato de ler (ou de ouvir), pelo qual se completa o fenômeno literário, se transforma em um ato de aprendizagem (COELHO, 2010, p. 31).

A visão de mundo calçada no interesse do sistema, passa a ser substituída por volta dos anos 70 e a literatura infantil passa por uma revalorização, contribuída em grande parte pelas obras de Monteiro Lobato, no que se refere ao Brasil. Ela então, se ramifica por todos os caminhos da atividade humana, valorizando a aventura, o cotidiano, a família, a escola, o esporte, as brincadeiras, penetrando até no campo da política.

A história de uma menina do nariz arrebitado que viria a ser o grande marco da literatura infantil brasileira surge no início da década de 20. Monteiro Lobato é considerado um dos fundadores da literatura infantil e juvenil no Brasil e autor de grandes obras como *Reinações de Narizinho*, *O Picapau Amarelo*, *o Minotauro* entre tantas outras. Lobato tratou a linguagem com registro predominantemente coloquial, buscando a aproximação com a oralidade de alguns modos de falar do povo brasileiro. Seu nível de criação artística se diferenciou dos demais autores de literatura infantil brasileira, até então, em diversos aspectos. Segundo Sandroni (2011, p. 16), “Monteiro Lobato, foi o primeiro autor cuja obra apresenta características literárias, seja na linguagem inventiva e transgressora dos rígidos cânones gramaticais de sua época, seja na introdução de temáticas até ali circunscritas ao leitor adulto”.

Lobato conseguiu inserir em suas histórias personagens da mitologia grega e das fábulas, assim, os personagens lobatianos reinventaram ou reinterpretaram suas posições originais, criando narrativas repletas de aventuras e descobertas que ainda hoje fascinam o público infantil. Sandroni salienta que:

Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão. Seus textos estão cheios de citações e alusões que remetem a outros personagens, a outras épocas históricas e seus protagonistas. Ele foi um autor engajado, comprometido com os problemas de seu tempo. Tinha um projeto definido: influir na formação de um Brasil melhor através das crianças. A partir dele, no Brasil, a Literatura Infantil perde uma de suas principais características, a de ser um instrumento de dominação do adulto e de uma classe, modelo de estruturas que devem ser reproduzidas. Passa a ser fonte de reflexão, questionamento e crítica (SANDRONI, 2011, p. 61).

Os livros de Monteiro Lobato deixaram um legado para a literatura infantil brasileira, pois passam a ver a criança com outros olhos, respeitando e valorizando seu espírito curioso e aventureiro, tal qual o das personagens mirins do Sítio. Segundo Miguez:

A criança vê/lê o mundo a partir de suas impressões imaginárias e tal contemplação espontânea deixa marcas profundas na história memorialísticas desse leitor em construção. Sabemos que a leitura do literário fortalece, principalmente, a fantasia e o imaginário, elementos inerentes ao ser poético da criança. E, é a partir desse fato que Lobato coloca em evidência a diferença da infância em relação ao adulto problematizado, inclusive a temática da criação para a infância. [...] É justamente a clareza do tratamento dado a questão da alteridade da infância em relação ao universo adulto que marca a trajetória profissional de Monteiro Lobato como escritor de literatura infantil (MIGUEZ, 2009, p.54).

Mas de nada adiantam o livros se não há leitores, e muitos apesar de adorarem ouvir histórias, necessitam de alguém para lê-las, afinal não possuem ainda as habilidades de leitura. Nesse contexto, os pais desempenham um importante papel no processo de iniciação das crianças no mundo das letras. Contar histórias para as crianças, através da leitura de um livro ou mesmo de uma história inventada abre as portas da imaginação do ouvinte para se transportar a um mundo novo, repleto de perguntas e respostas. Segundo Abramovich ler histórias para crianças:

É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) ... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou entrar num caminho pra a resolução delas... (ABRAMOVICH, 2008, p. 17).

As histórias contadas despertam no ouvinte emoções importantes que permitem viver o que a narrativa provoca. Sentimentos de raiva, alegria, tristeza, desolação, medo entre tantos outros que se misturam no imaginário do ouvinte possibilitando uma diversidade de sensações que encantam. As histórias representam um portal no qual a criança é transportada para outros lugares, outras épocas, outros modos e agir e de ser.

O narrador deve escolher a história que mais se adéqua ao ouvinte, de acordo com a idade da criança, o momento em que ela vive e os referenciais de que necessita. A história pode ser longa, curta, de uma época antiga, ou atual, pode ser um conto de fadas, uma fábula, uma lenda, poesia ou até mesmo uma piada. O que importa é agradar ao público.

O contato com o livro também é algo importante, quando a criança que ouviu uma história lida por um adulto passa a manusear o livro lido, surge o interesse e até uma forma de desafio para compreender e desvendar por si própria os significados da história. É despertada a curiosidade de associar aquilo que foi contado com aquilo que está registrado, ou seja, passa a perceber que existe sentido na representação gráfica contida no livro e desvendada pelo adulto através da leitura. As crianças são estimuladas a desenvolver novas habilidades quando ouvem histórias, pois:

Ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! (ABRAMOVICH, 2008, p. 23).

Daí a importância dada à iniciação lúdica do pré-leitor na literatura antes mesmo de iniciado o processo de alfabetização. Torna-se claro que o desenvolvimento do interesse pela literatura deve começar bem cedo, afim de prosseguir pelo resto da vida.

O domínio da leitura literária passa por um processo linear que pode ser entendido em três etapas: antecipação, decifração e interpretação (COSSON, 2007, p. 40). A primeira etapa, a antecipação, consiste nas várias operações que o leitor realiza antes de iniciar a leitura propriamente dita. São levados em consideração os objetivos da leitura e elementos que compõem o texto como materialidade (capa, título, número de páginas entre outros). A familiaridade e o domínio das letras e palavras facilitará o processo de decifração, pois é quando o leitor “entra no texto” através da decodificação dos símbolos. A terceira etapa, denominada interpretação, é frequentemente tomada como sinônimo da leitura, mas no contexto está restrita ao sentido das relações estabelecidas pelo leitor quando processa o texto.

A interpretação depende do texto escrito pelo autor, do que leu o leitor e das convenções sociais e culturais que ambos estão inseridos.

O Glossário do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - Ceale, define leitura literária como:

A leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. O gosto da leitura acompanha seu desenvolvimento, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir. O pacto entre leitor e texto inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem como foco de atenção, pois através dela se inventam outros mundos, em que nascem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções (FRADE, 2014, p. 177).

A formação do gosto pela leitura, principalmente para os leitores iniciantes, é facilitada pela criação de situações de leitura cotidiana, principalmente quando as mesmas não estão vinculadas a uma utilidade da vida, pois isso caracteriza um momento de lazer. A leitura de lazer, muito embora tenha potencial de ser tão informativa quanto à leitura escolar e profissional, tem objetivos de fruição intelectual muito diferentes. Assim, a disponibilização da leitura de lazer ao leitor iniciante e facilitação de sua circulação em ambientes como o lar, é extremamente importante na repetição e reforço de conteúdos escolares, sob um ângulo do entretenimento.

A escola tem um papel fundamental na formação do leitor porque fornece as ferramentas para a alfabetização e o letramento. Diante do conhecimento e domínio das letras, a criança é capaz de compreender a significação de textos e seguir adiante pelo mundo da literatura, descobrindo a diversidade de gêneros textuais e sua utilização na sociedade. A família e a comunidade são determinantes para incentivar e apoiar a criança na descoberta de seus interesses literários. A participação dos pais e da escola no direcionamento da criança no caminho da leitura é importante para que ela se sinta amparada e consiga se desenvolver, atingindo níveis intelectuais mais avançados. Segundo Bamberger a prontidão para a leitura está diretamente ligada à atmosfera literária e linguística presente na casa da criança:

Da mesma forma que os professores, a função dos pais como modelos é decisiva, isto é, se eles mesmos gostarem de ler, induzirão facilmente os filhos a ler regularmente. O esclarecimento e as informações prestadas pelos pais são uma pré-condição do ensino eficaz da leitura (BAMBERGER, 1995, p. 72).

Buscando desenvolver o interesse pela leitura é recomendável que os pais compartilhem com a criança a leitura de um livro. Para tornar o ato de ler um momento

agradável e de interação familiar é importante que os pais leiam frequentemente em voz alta algumas histórias e, no caso das crianças já alfabetizadas, que seja proposto uma leitura compartilhada na qual a criança e o adulto se revezem na leitura de trechos de um livro. Nessa atividade, os pais podem discutir com as crianças o conteúdo lido e as ilustrações do livro, esclarecer dúvidas sobre o texto e significados das palavras enriquecendo o vocabulário da criança, enfim, descobrir o tipo de leitura que atrai a atenção da criança para poder lhe oferecer novos títulos relacionados ao assunto de interesse dela.

Além das ferramentas e do incentivo, é preciso que a criança tenha acesso fácil aos mais variados títulos literários, dessa forma as bibliotecas escolares desempenham um importante papel na aproximação entre a criança e os livros, pois oferecem suporte na formação básica do leitor, por estar dentro da escola, ser referência de leitura e espaço cultural para os discentes. Para Souza:

A escola tem papel fundamental nesse contexto. É ela, o primeiro espaço legitimado de produção da leitura e da escrita de forma consciente. E é dela, a responsabilidade de promover, estratégias e condições para que ocorra o crescimento individual do leitor despertando-lhe interesse, aptidão e competência. Nesse sentido, a escola deverá contar com uma forte aliada: a biblioteca (SOUZA, 2009, p.02).

Dessa maneira, a biblioteca como mediadora de leitura deve oferecer as condições necessárias para efetivação do objetivo proposto. Dentro dessa perspectiva, cabe a biblioteca a organização e divulgação do material bem como a orientação e ampliação das práticas de leitura. Para tanto, é importante que ela possua material disponível adequado as necessidades dos leitores, além de manter um ambiente agradável para se frequentar. A disposição dos livros é outro aspecto importante em uma biblioteca que atenda ao público infantil, ter os livros dispostos em expositores facilitam o manuseio e a escolha dos pequenos leitores, afinal eles são muito influenciados pelas imagens, e o expositor proporciona a visualização delas de forma facilitada.

Para Cosson (2007, p. 27) “No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada”. Os livros devem estar ao alcance das crianças não apenas no ambiente escolar, mas também em casa. Nesse sentido, é preciso que os pais ofereçam alternativas de leitura às crianças como visitas às bibliotecas públicas, livrarias, feiras de livros, podendo inclusive, montar uma mini biblioteca em casa.

A literatura infantil, além de proporcionar momentos de prazer, abre espaço para que seja desenvolvido e discutido muitos aspectos com a criança, tais como: raciocínio,

imaginação, criatividade, questões comportamentais, atitudinais, emocionais, além do senso crítico, que é fundamental a todo leitor. Valores encontram-se presentes em diversas histórias: cooperação, confiança, coragem, honestidade, justiça, lealdade, respeito, paciência e muitos outros, sendo uma grande oportunidade principalmente para as famílias discutirem com as crianças questões de formação humana. Outro ponto presente na leitura feita por alguém da família é a questão do afeto, afinal o momento de leitura é também um momento em que a presença e a atenção dispensada a criança é muito especial. Paraíso afirma que:

O afeto é, portanto, de importância vital para um corpo. Afinal, somos sempre afetados por outros corpos com os quais nos encontramos. E o afeto, como explicita Spinoza (2007), são ‘as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada.’ (PARAÍSO, 2013, p. 197).

2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E ANÁLISE DE DADOS

A biblioteca escolar da E. M. João do Patrocínio realiza empréstimo semanal aos alunos da escola, sendo que a escolha do livro a ser levado para casa é feita pelo próprio aluno, respeitando assim seu gosto e interesse. Os alunos pertencentes ao 1º ano do Ensino Fundamental possuem o grande diferencial de ainda não estarem alfabetizados, portanto, para que a leitura do livro seja feita é necessário que alguém que já saiba ler o faça. Sendo assim, eu enquanto profissional da biblioteca observei que a devolução dos livros emprestados para o público citado acima vinha acompanhada da reclamação de que ninguém havia feito a leitura do livro. Buscando fazer a família participar desse momento de leitura é que se elaborou o plano de ação. Ele se iniciou diante da necessidade de se criar alguma estratégia que poderia melhorar a participação das famílias no momento de leitura daqueles livros que eram levados para casa, e para tanto, objetivou conscientizá-las quanto a importância de tal participação.

A estratégia pensada foi em enviar juntamente com o livro, uma pasta identificada por aluno, para que ela chamasse a atenção daqueles que por algum motivo não estavam realizando a leitura do mesmo. Juntamente com a pasta foi enviado um bilhete explicando sobre sua finalidade, e ressaltando a importância da realização da leitura semanal do livro contido dentro dela. Além disso, para que pudesse verificar se realmente as famílias estavam participando foi elaborada uma listagem no verso da pasta para que pudesse ser preenchido o título do livro que aquela criança havia escolhido naquela semana, buscando dessa forma verificar a efetiva participação, uma vez que as crianças ainda não sabiam realizar tal registro.

Juntamente com a pasta também foi enviado um questionário a fim de verificar quais eram as pessoas que estavam realizando a leitura para a criança: pai/mãe, avô/avó, irmão/irmã ou outro, foram feitas ainda algumas outras perguntas buscando levantar alguns dados, tais como a presença de portadores textuais nas residências e caracterização familiar.

Neste capítulo, vamos apresentar e analisar o resultado dessa experiência. Como preparação, aplicamos, junto aos pais, um outro questionário mais geral, buscando entender sua relação com a leitura (ANEXO I).

Este questionário aplicado foi para conhecer melhor o perfil familiar, e saber quais eram as pessoas que estão ou não, realizando a leitura para as crianças, além de tentar detectar algum motivo relacionado a sua própria formação de leitor que poderia influenciar para que não fosse realizada a leitura do livro. Esse foi o questionário que teve o melhor retorno, já que ele foi aplicado de forma presencial no dia de uma apresentação teatral da turma, que contou com a presença significativa das famílias. Dos 23 alunos, estiveram presentes 15

responsáveis, e no total recebi 18 questionários, sendo 3 deles enviados posteriormente. Segue abaixo a identificação do familiar que respondeu ao questionário:

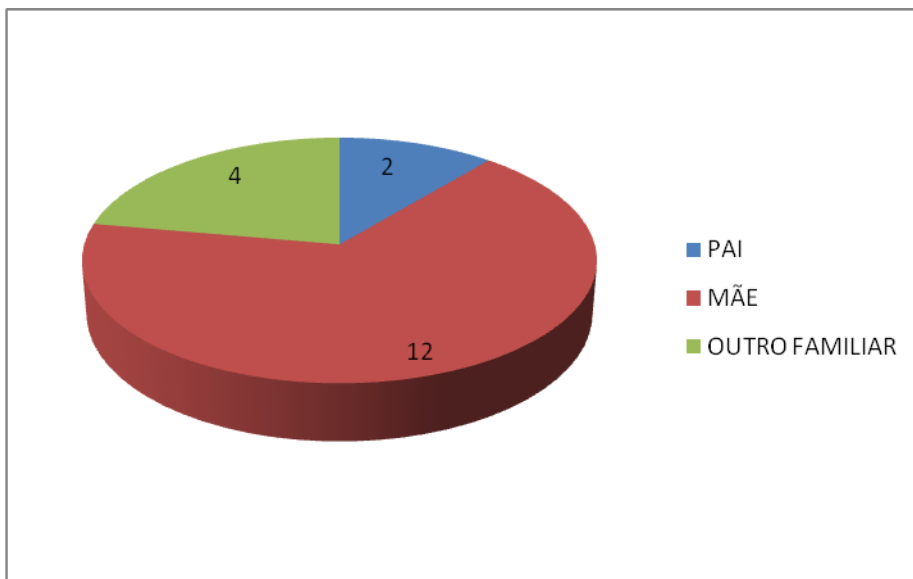


Gráfico 1: Identificação familiar no preenchimento do questionário

De acordo com os dados acima, observa-se, portanto, que na grande maioria das famílias estiveram presentes as mães, o que já era de se esperar, afinal são elas que na maioria das vezes comparecem à escola para resolver os assuntos referentes aos seus filhos, provavelmente porque algumas não trabalham fora de casa, ou mesmo porque são elas que criam seus filhos, sem a presença do pai.

Seguindo com este questionário, foram feitas perguntas com o intuito de verificar se tais familiares eram provenientes de famílias com práticas de leituras ou se de alguma forma tinham acesso a livros, ganhando de presente ou através da leitura de algum livro em casa ou na escola. A maioria respondeu que quando criança às vezes alguém lia, outras que sempre lia e algumas que ninguém lia. Sendo o resultado o seguinte:

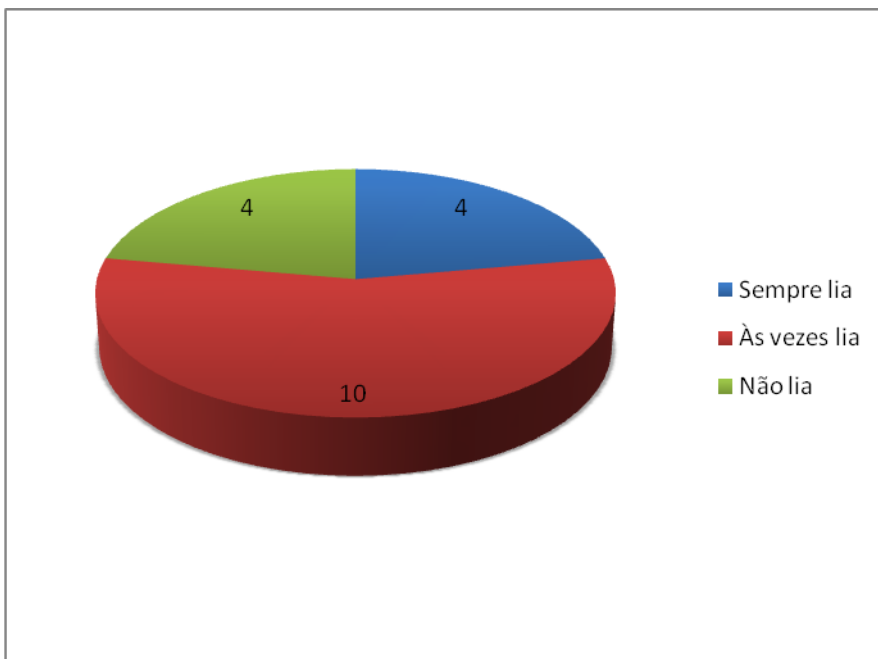


Gráfico 2 – Prática de leitura na infância do familiar

Porém, quando questionado se ganhava livros de presente, a grande maioria respondeu que não, demonstrando assim a falta de recursos financeiros, ou talvez até mesmo não reconhecendo o livro como uma forma de presente, relacionando assim a leitura como tarefa, e não como prazer. Para que o momento de leitura seja prazeroso, é necessário que o leitor a realize de forma a se envolver com o texto, e para tanto é preciso que ele aprecie aquele momento. Buscando verificar se os familiares gostam de ler, foi-lhes feita tal pergunta, seguem abaixo as respostas:

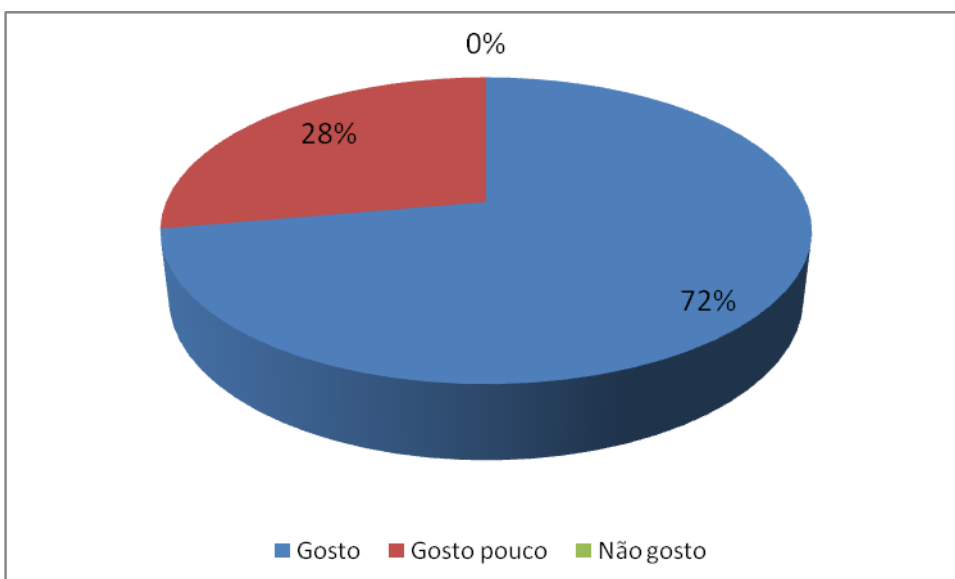


Gráfico 3 – Gosto pela leitura

Já com o objetivo de levantar dados sobre sua condição de leitor atual foi questionado a respeito se estava lendo algum livro e que, se caso não estivesse qual seria o motivo principal.

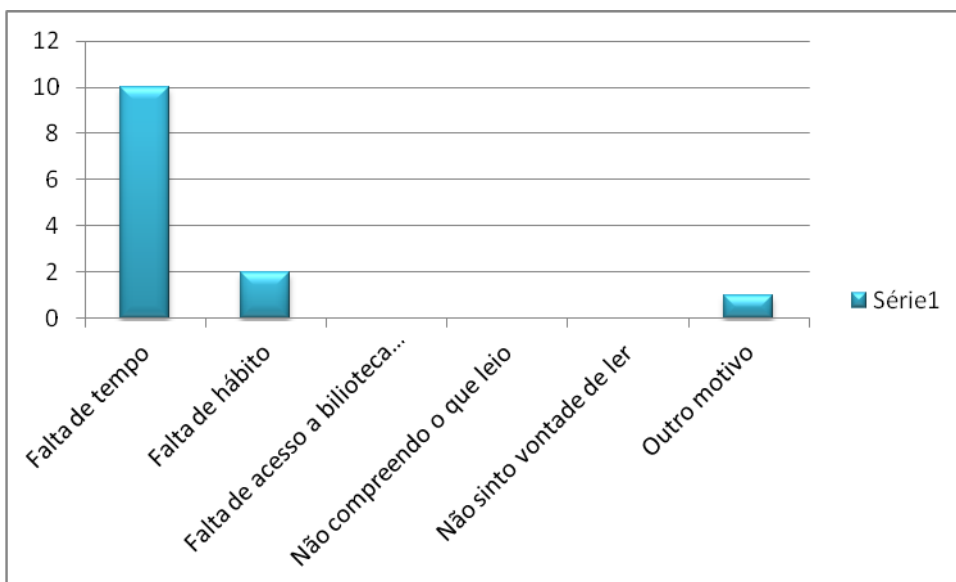


Gráfico 4: Motivos pelos quais não se está lendo atualmente

Nesse gráfico fica claro que a falta de tempo foi o maior motivo para não estarem realizando a leitura de algum livro, o que talvez demonstre a priorização de outros tipos de atividades. A falta de hábito também apareceu em algumas respostas, ou seja, não se tem o costume de realizar a leitura de um livro, ainda que se tenha disponibilidade de tempo.

De acordo com os dados apresentados acima, verifica-se que nas famílias o gosto pela leitura encontra-se presente, o que talvez falte é tempo disponível para que possam usufruir de momentos de leitura, e que boa parte dos familiares, quando criança, participou de práticas de leitura, porém, de forma não sistemática, e sim, eventual.

A seguir, passaremos aos comentários dos questionários anexados aos livros (ANEXO B) encaminhados para leitura em casa. Eles foram enviados juntamente com a pasta e o livro, neles buscou-se avaliar quais eram as pessoas que estavam realizando a leitura para as crianças, além da valorização e envolvimento com a atividade. Porém, grande foi a dificuldade do retorno de tais questionários. Em um período de 2 meses (outubro e novembro) houve família que não respondeu a nenhum, outras somente um e, apenas sete famílias tiveram um retorno positivo, devolvendo a maioria dos questionários respondidos. O resultado obtido sobre quem realizou a leitura para a criança foi o seguinte:



Gráfico 5 - Familiar que realizou a leitura do livro

Ou seja, de acordo com os questionários, as leituras foram feitas em grande parte pelos pais seguido das próprias crianças, o que vem confirmar a necessidade de se ter alguém que saiba ler para que o empréstimo feito pela biblioteca tenha um resultado ainda mais positivo do que somente o trabalho realizado na escola. Importante ressaltar que tendo sido a pesquisa feita ao final do ano letivo é bastante provável que no início do ano a realidade seria outra, afinal, o processo de alfabetização foi ocorrendo durante o ano e a partir dele é que algumas crianças começaram a ler. O resultado obtido veio reforçar a importância da participação da família na leitura do livro, já que quase 60% das leituras foram feitas pelo pai ou pela mãe. Segundo Kleiman:

[...] numa revisão de estudos sobre leitores precoces, conclui que o fator proeminente que mais parecia contribuir para o desenvolvimento acelerado de leitura das crianças era o fato de elas serem oriundas de famílias preocupadas com a escrita e de terem sido expostas, de maneira intensiva, à leitura de histórias desde muito cedo (KLEIMAN, 2004, p. 93).

Buscando avaliar a opinião da família sobre a leitura de livros literários foi questionado se achavam importante a leitura, e também se gostavam de fazê-la, afinal uma atividade realizada com prazer é muito diferente de uma realizada por obrigação. Sendo assim, em nenhum questionário houve resposta negativa, ou seja, todos responderam como sendo importante e prazeroso o momento de leitura.

Outro aspecto do levantamento de dados foi com relação aos portadores textuais presentes na casa das crianças, e levando-se em consideração que a população atendida é bastante religiosa não foi surpresa a presença da Bíblia em todas as residências. O resultado foi o seguinte:

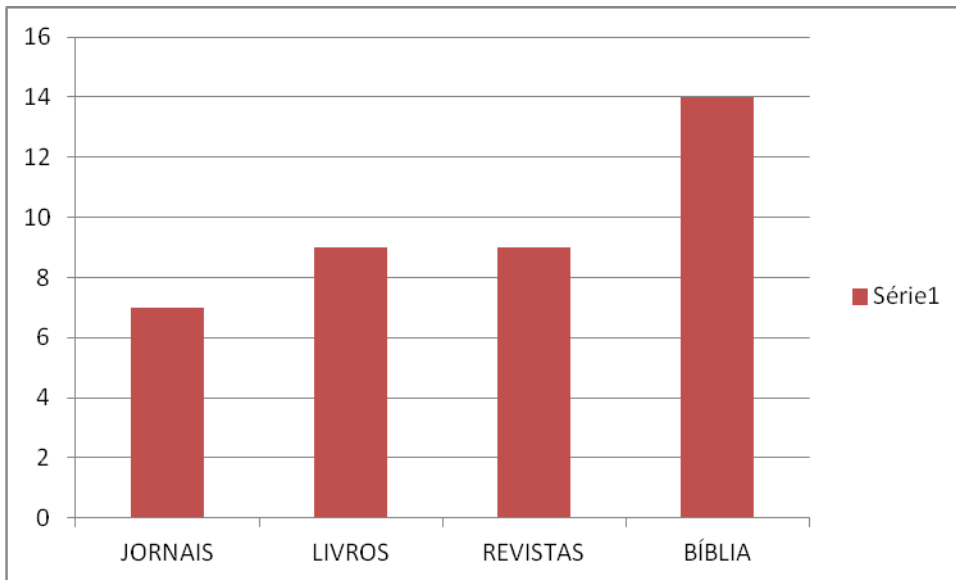


Gráfico 6: Tipos de portadores textuais presentes nas residências

Como mostra o gráfico acima pode-se destacar que em poucas casas a presença do jornal existe, já livros e revistas tem uma quantidade considerável, e provavelmente a distribuição de livros feita pela Prefeitura tenha contribuído para essa realidade. E como já mencionado acima, a presença da bíblia nas residências é marcante, o que não gera muita surpresa já que a população atendida possui prática religiosa latente. Kleiman afirma que:

Os benefícios de um ambiente familiar rico em eventos de letramento resultam em maior sucesso no desenvolvimento inicial da leitura e, conseqüentemente, maior sucesso nas primeiras séries escolares. A exposição constante da criança à leitura de livros infantis expande seu conhecimento sobre estórias em si, sobre tópicos de estórias, estrutura textual e sobre a escrita. Ouvir e discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra escrita e a sumarizar a estória e fazer inferências. Em suma, a exposição da criança a frequentes leituras de livros a leva a desenvolver-se como leitora, já no período pré-escolar. Esse desenvolvimento contribui, sem dúvida, para uma maior facilidade em acompanhar o ensino proposto pela escola, o que redundará em maior sucesso (KLEIMAN, 2004, p. 94).

De uma forma geral a aplicação dos questionários não foi tarefa fácil, já que o retorno foi bastante demorado, sendo que muitos foram e voltaram por diversas vezes sem que alguém realizasse seu preenchimento. O que parece demonstrar a baixa participação e envolvimento familiar nas atividades escolares de seus filhos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos nos questionários pode-se observar a dificuldade que a escola encontra para envolver a família nas atividades por ela propostas e, indiretamente na educação das crianças. Sem dúvida essa dura realidade é um fator preocupante, dada a importância da participação e continuidade do ensino no ambiente familiar.

Como profissional da educação e principalmente como agente de leitura, devo reconhecer que o presente trabalho me levou a diversas reflexões e aprendizado. Sem dúvida, meu trabalho na escola sofrerá algumas mudanças devido ao novo olhar oportunizado por esta pesquisa. Porém, também fica claro a grande distância entre o que gostaríamos que fosse a participação da família no processo de aprendizagem. É função da escola alfabetizar e letrar seus alunos, buscando sempre a melhor forma de ensinar todo o conhecimento disponível para a criança, mas reitero o quanto é importante ter alguém em casa acompanhando o desenvolvimento da criança, e nessa função incluo a leitura dos livros enviados à família com tal finalidade.

Diante dos resultados apresentados devo observar que o tempo reduzido de aplicação do projeto talvez tenha contribuído para que não obtivesse tanto êxito, afinal a prática e a repetição talvez pudessem apresentar um resultado mais positivo.

Certamente após desenvolver tal trabalho posso afirmar que vejo ainda mais importância no meu papel de mediador de leitura desempenhado na escola, pois, pode se configurar como o único meio que aquela criança possui para ter contato com a leitura literária. Porém, as tentativas de aproximar as famílias e a escola devem continuar, afinal o sucesso das crianças envolvidas dependem dessa parceria que é benéfica a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática, 1995.

CAMPELLO, Bernadete Santos; SILVA, Mônica do Amparo. A biblioteca nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Presença Pedagógica*, v.6, n.33, p.60-67, mai/jun 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2007.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (org.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG/ Fae, 2014.

KLEIMAN, Angela B. *Os significados do letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MACEDO, Neusa Dias de (org.). *Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores de professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.

MIGUEZ, Fátima. *Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula*. 4 ed. Rio de Janeiro, Singular, 2009.

PARAÍSO, M. A. *É possível fazer um currículo desejar?* In: PARAÍSO, M. (Org.). *Pesquisas sobre Currículos e Culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: CRV, 2010. p. 153 – 168.

PARAÍSO, M. A. *O currículo entre formas e forças: diferença, devir-artista da contadora de filmes e possibilidades de alegrias em um currículo*. In: FAVACHO, A. M. P.; PACHECO, J. A.; SALES, S. R. (Orgs.) *Currículo, conhecimento e avaliação: divergências e tensões*. Curitiba: CRV, 2013, p. 191 – 208.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SOUZA, Renata Junqueira de. *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

YUNES, Eliana. *Leitura e leituras da literatura infantil*. 2 ed. São Paulo: FTD, 1989.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário aplicado aos pais

DATA DE PREENCHIMENTO: ____/____/2014

ALUNO(A):

1. Identificação familiar

- Pai
- Mãe
- Outro familiar _____

02. Quando era criança, alguém lia histórias para você?

- Sempre lia
- Às vezes lia
- Não lia

03. Se você respondeu “Sempre lia” ou “Às vezes lia”, quem lia as histórias para você?

- Pai
- Mãe
- Outros Familiares
- Professores/ Bibliotecários
- Amigos/ Conhecidos

04. Quando era criança, você ganhava livros de presente?

- Sempre ganhava
- Às vezes ganhava
- Não ganhava

05. Se você respondeu “Sempre ganhava” ou “Às vezes ganhava”, quem presenteava você com livros?

- Pai
- Mãe
- Outros Familiares
- Professores
- Amigos/ Conhecidos

06. Você gosta de ler?

- Gosto
- Gosto pouco
- Não gosto

07. Como você realiza a leitura?

- Com facilidade.
- Com pequeno esforço
- Com grande esforço

08. No caso de dificuldades na leitura, qual seria a razão principal?

- Leio muito devagar
- Não compreendo a maior parte do que leio
- Não tenho paciência para ler
- Não tenho concentração suficiente para ler
- Em razão de limitações físicas (visão, etc)

09. Caso não esteja lendo nenhum livro atualmente, qual a razão principal?

- Falta de hábito
- Não compreendo o que leio
- Falta de tempo
- Falta de acesso a biblioteca (livros)
- Não sinto motivação para a leitura
- Outro motivo: _____

Muito obrigada pela participação!

ANEXO B - Questionário enviado aos familiares juntamente com a pasta do livro

LIVRO: _____

1) QUEM LEU O LIVRO?

A CRIANÇA PAI/MÃE IRMÃO/ IRMÃ AVÔ/ AVÓ OUTRO

2) A CRIANÇA JÁ SABE LER?

SIM NÃO POUCAS PALAVRAS

3) A CRIANÇA GOSTA DE OUVIR HISTÓRIAS?

SIM NÃO

4) VOCÊ ACHA IMPORTANTE LER PARA A CRIANÇA?

SIM NÃO

5) VOCÊ GOSTA DE LER PARA A CRIANÇA?

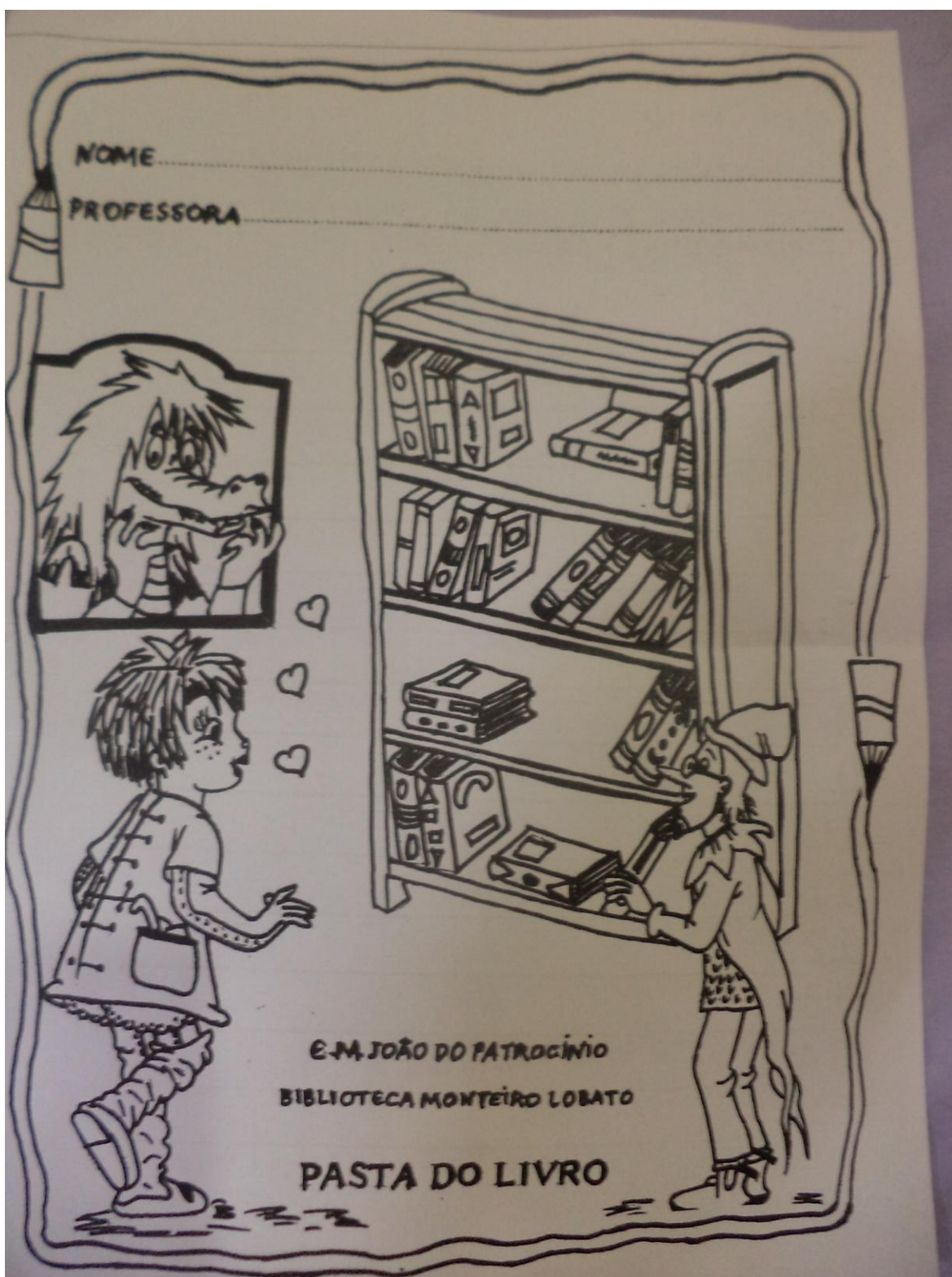
SIM NÃO

6) NA SUA CASA COSTUMA TER ALGUM DOS MATERIAIS ABAIXO? QUAIS?

LIVROS JORNAIS REVISTAS BÍBLIA

ESPAÇO PARA COMENTÁRIOS SOBRE O LIVRO OU A ATIVIDADE DE LEITURA

ANEXO C – Capa da pasta do livro



ANEXO D - Bilhete encaminhado aos responsáveis pelos alunos

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE
ESCOLA MUNICIPAL JOÃO DO PATROCÍNIO

Senhores pais ou responsáveis,

A leitura é parte fundamental no processo de aprendizagem. É através dela que as crianças desenvolvem a linguagem oral e escrita. Lendo, a criança aprende novas palavras, desenvolve a imaginação, além de aprender a escrever corretamente.

A equipe da biblioteca Monteiro Lobato, juntamente com a professora convidam vocês para participar desse projeto de incentivo à leitura em família. Nele, cada criança receberá uma pasta que servirá para guardar o livro quando ele não estiver sendo utilizado.

Ressaltamos que o objetivo principal é que vocês participem da leitura com a criança: ouvindo-a ler ou lendo para ela. E após a leitura, favor escrever o título do livro na folha que está dentro da pasta e responder o questionário.

Contamos com a participação de todos!

Biblioteca